

CONCEITOS ELEMENTARES

. Consenso . Conflito . Estrutura social . Aproximação teórica . Teoria

Neste capítulo, analisaremos o desenvolvimento das principais abordagens teóricas em Sociologia, identificando os dilemas que colocam. Tomaremos também em conta algumas das transformações teóricas que ocorreram recentemente.

PERSPECTIVAS TEÓRICAS

As origens da sociologia – nos trabalhos de Marx, Durkheim e Weber – eram sobretudo europeias. Contudo, neste século a sociologia afirmou-se em todo o mundo e alguns dos desenvolvimentos mais importantes tiveram lugar nos Estados Unidos. O trabalho de George Herbert Mead (1863-1931), um filósofo que ensinava na Universidade de Chicago, desempenhou uma papel importante no desenvolvimento da teoria sociológica. Mead salientou o papel central da linguagem e dos símbolos na vida social humana. A perspectiva que desenvolveu viria a chamar-se, mais tarde, Interaccionismo Simbólico. Mead deu mais atenção ao estudo dos processos sociais em pequena escala do que ao das sociedades no seu todo. Todavia, apesar de o início do Interaccionismo Simbólico remontar atrás no tempo, este somente viria a ser influente muito mais tarde. Por este motivo, iremos abordá-lo depois do funcionalismo e do estruturalismo.

Talcott Parsons (1902-1979) foi o teórico social americano mais proeminente do período do pós-guerra. Era um autor prolífico que escreveu sobre muitas áreas empíricas e teóricas da sociologia. Contribuiu para os estudos sobre a família, a burocracia, as profissões e a política entre outras áreas. Foi um dos principais mentores do desenvolvimento do funcionalismo, uma abordagem teórica de que foram pioneiros Durkheim e Comte. De acordo com o ponto de vista do funcionalismo, ao estudar qualquer sociedade, deveríamos olhar o modo como se combinam as suas diversas «partes» ou instituições, para que a sociedade continue ao longo do tempo.

Contudo, os pensadores europeus continuaram a ser proeminentes no desenvolvimento posterior das teorias sociológicas. Uma abordagem que obteve um particular destaque foi o estruturalismo, que aproxima de modo estreito a análise sociológica ao estudo da linguagem. O pensamento estruturalista desenvolveu-se primeiro na linguística, sendo importado para as ciências sociais pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-). As suas origens podem também ser detectadas em Durkheim e Marx.

O pensamento de Marx continuou a ser discutido e desenvolvido durante mais de um século depois da sua morte. O trabalho dos seguidores de Marx é designado por *Marxismo*.

Funcionalismo

O pensamento funcionalista, como se salientou, foi iniciado por Durkheim, que via a análise funcional como uma parte fundamental da sua formulação das tarefas da teorização e investigação sociológicas. No entanto, o desenvolvimento do funcionalismo, na sua forma moderna, foi fortemente influenciado pelos trabalhos dos antropólogos. Até ao princípio deste século, a Antropologia baseava-se principalmente em registos e documentos produzidos por administradores coloniais, missionários e viajantes. A Antropologia do século XIX era, por conseguinte, bastante especulativa e documentada de forma inadequada. Os escritores publicavam livros a partir da recolha de exemplos de todo o mundo, sem se preocuparem muito com a sua autenticidade ou com o contexto cultural específico de onde provinham. A religião, por exemplo, era analisada através da comparação entre exemplos numerosos de crenças e de práticas extraídas das culturas mais diversas.

A Antropologia moderna data da altura em que os investigadores se começaram a sentir insatisfeitos com esta abordagem e passaram a efectuar longos trabalhos de campo em várias culturas do mundo. Dois dos primeiros antropólogos a efectuar trabalho de campo foram A. R. Radcliffe-Brown (1881-1955), um autor britânico fortemente influenciado por Durkheim, e Bronislaw Malinowski (1884-1942), um polaco que passou a maior parte da sua carreira na Grã-Bretanha. Malinowski efectuou alguns dos mais célebres estudos antropológicos jamais escritos, após ter passado um longo período de tempo nas Ilhas Trobriand, no Pacífico. Radcliffe-Brown estudou os habitantes das Ilhas Andaman, que viviam num arquipélago perto da costa da Birmânia.

Radcliffe-Brown e Malinowski afirmam que devemos estudar uma sociedade ou uma cultura como um todo, se quisermos entender as suas instituições principais e explicar o comportamento dos seus membros. Só podemos analisar as crenças religiosas e costumes de uma sociedade, por exemplo, se demonstrarmos como eles se relacionam com as restantes instituições, pois as diferentes partes de uma sociedade desenvolvem-se numa relação mútua.

Estudar a *função* de uma prática social ou instituição significa analisar o contributo dessa prática ou instituição para a continuidade da sociedade como um todo. A melhor forma de se entender isto é através da analogia com o corpo humano, comparação que Conte, Durkheim e muitos autores funcionalistas posteriores fazem. Para estudar um órgão do corpo humano, como o coração, precisamos de mostrar como ele se relaciona com as outras partes do corpo. Ao fazer circular o sangue por todo o corpo, o coração desempenha um papel vital na continuação da vida do organismo. Da mesma forma, analisar a função de um item social significa demonstrar o papel que ele desempenha na existência contínua da sociedade. De acordo com Durkheim, por exemplo, a religião reafirma a adesão das pessoas a valores sociais, contribuindo desta forma para a manutenção da coesão social.

A versão de Merton do funcionalismo

O funcionalismo «regressou» à Sociologia através dos escritos de Talcott Parsons (1952, 1966) e Robert K. Merton, que viram na análise funcionalista a chave do desenvolvimento da teoria e da investigação sociológicas. A versão do funcionalismo de Merton foi especialmente influente, servindo em particular como perspectiva de trabalho para toda uma geração de sociólogos americanos, embora também tenha sido amplamente utilizada noutros países. Merton produziu uma versão mais sofisticada da análise funcionalista do que a oferecida por Radcliffe-Brown ou por Malinowski. Ao mesmo tempo, readaptou-a ao estudo das sociedades industrializadas, que diferem em certos aspectos básicos das culturas mais simples estudadas pelos antropólogos.

Merton estabelece uma distinção entre **funções manifestas e latentes**. As funções manifestas são intencionais e do conhecimento dos participantes num tipo específico de actividade social. As funções latentes são consequência dessa actividade, mas os participantes não têm consciência disso (Merton, 1957). Para ilustrar esta distinção, Merton usa o exemplo da dança da chuva executada pelos índios Hopi do Novo México. Os Hopi acreditam que esta cerimónia trará a chuva necessária às suas colheitas (função manifesta). Esta é a razão por que organizam esse ritual e nele participam. Contudo, a dança da chuva, argumenta Merton, recorrendo à teoria da religião de Durkheim, também tem o efeito de promover a coesão social (função latente). Uma grande parte da explicação sociológica, segundo Merton, consiste em descobrir as funções latentes das actividades sociais e das instituições.

Merton faz ainda uma distinção entre funções e *disfunções*. As pequenas comunidades estudadas pelos antropólogos, salienta Merton, tendem a ser mais integradas e solidárias do que as grandes sociedades industrializadas que constituem a preocupação principal da Sociologia. Radcliffe-Brown e Malinowski puderam concentrar-se apenas na identificação das funções, porque as comunidades que analisaram eram estáveis e integradas. No entanto, ao estudar o mundo moderno, temos de ter em atenção as tendências desintegradoras. O conceito de **disfunção** refere-se aos aspectos da actividade social que tendem a produzir mudanças, porque *ameaçam* a coesão social.

Procurar as características disfuncionais do comportamento social significa focar aspectos da vida social que desafiam a ordem existente das coisas. Por exemplo, é errado supor que a religião seja sempre funcional – que contribui apenas para a coesão social. Quando dois grupos apoiam religiões diversas, ou até mesmo versões diferentes da mesma religião, podem daí resultar grandes conflitos sociais que provocam uma ampla ruptura social. Por isso, foram travadas guerras entre comunidades religiosas, como as lutas entre os Protestantes e os Católicos na história europeia.

Desenvolvimentos recentes

Durante muito tempo, o pensamento funcionalista foi provavelmente a principal tradição teórica em Sociologia, especialmente nos Estados Unidos. Nos anos mais recentes, a sua popularidade começou a declinar e as suas limitações tornaram-se óbvias – embora mantenha alguns defensores coerentes (Alexander, 1985). Apesar de tal não se aplicar a Merton, muitos pensadores funcionalistas (Talcott Parsons é um deles) deram uma importância indevida a factores que conduziam à coesão social, em detrimento dos que provocavam a divisão e o conflito. Além disso, muitos críticos acharam que a análise funcional atribui às sociedades qualidades que elas não têm. Os funcionalistas escrevem muitas vezes como se as sociedades tivessem «necessidades» e «objectivos», apesar de estes conceitos apenas fazerem sentido quando aplicados aos seres humanos. Tomemos o exemplo da dança da chuva, descrito por Merton. Merton escreve como se o facto de podermos demonstrar que esse ritual ajuda a integrar a comunidade Hopi, constituísse uma explicação para a sua existência – pois, ao fim e ao cabo, sabemos que essa dança não provoca, de facto, a chuva. Tal não sucede, a menos que imaginemos que, de alguma forma, a sociedade Hopi, «leva» os seus membros a agir das formas que lhe são «necessárias» para se manter coesa. Mas tal não é o caso, pois as sociedades não são dotadas de força de vontade ou de objectivos, características exclusivas dos seres humanos.

Estruturalismo

Tal como o funcionalismo, o **estruturalismo** foi influenciado pela obra de Durkheim, embora o principal impulso para o seu desenvolvimento tenha vindo da linguística. O trabalho do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi a primeira fonte importante das ideias estruturalistas. Embora Saussure apenas tenha escrito sobre a linguagem, os pontos de vista que desenvolveu foram subsequentemente incorporados em inúmeras disciplinas das ciências sociais e das humanidades.

Antes do trabalho de Saussure, o estudo da linguagem ocupava-se principalmente em traçar, em pormenor, as mudanças na forma como as palavras eram usadas. Segundo Saussure, este procedimento omite a característica fulcral da linguagem. Não podemos identificar as características básicas – ou *estruturas* – da linguagem se nos debruçarmos apenas sobre as palavras que as pessoas usam quando falam (Saussure, 1974). A linguagem consiste numa série de regras de gramática e de significação subjacentes às palavras, mas que não são explicitadas nelas. Para dar um exemplo simples, em inglês juntamos normalmente «-ed» a um verbo, quando queremos assinalar que nos estamos a referir a um acontecimento passado. Esta é apenas uma de milhares de regras gramaticais que todos os que falam uma língua conhecem e que são usadas para *construir* o que dizemos. De acordo com Saussure, analisar

as estruturas da linguagem significa procurar as regras subjacentes à fala. Conhecemos a maior parte destas regras apenas implicitamente e não poderíamos, com facilidade, identificá-las. Na verdade, a tarefa da linguística consiste em descobrir o que implicitamente *sabemos*, mas apenas ao nível do uso prático da linguagem.

Linguagem e significado

Saussure defende que o significado das palavras deriva das estruturas da linguagem e não dos objectos a que elas se referem. Podemos ingenuamente imaginar que o significado da palavra «árvore» é o objecto com folhas ao qual se refere o termo. Contudo, de acordo com Saussure isto não é verdade. Poderemos verificar isto através da existência de muitas palavras na linguagem que não se referem a nada – como «e», «mas» ou «apesar». Além disso, existem palavras repletas de sentido que se referem a objectos míticos sem qualquer existência real – como «unicórnio». Se o significado de uma palavra não deriva do objecto a que se refere, então qual é a sua origem? A resposta de Saussure é que esse significado é criado pelas *diferenças* entre conceitos relacionados que as regras de uma língua reconhecem. O significado da palavra «árvore» resulta do facto de diferenciarmos uma «árvore» de uma «mata», «arbusto» ou «floresta» e de uma quantidade de outras palavras com significados similares – embora distintos. Os significados são criados internamente no seio da linguagem e não pelos objectos no mundo aos quais nos referimos através deles.

Estruturalismo e semiótica

A esta análise, Saussure adiciona a observação importante de que não só os sons (falar) ou os sinais escritos (escrever) podem criar significado. Qualquer objecto que possamos distinguir de modo sistemático pode ser usado para produzir significados. Um exemplo é a luz dos semáforos. Usamos o contraste entre o verde e o vermelho para significar «siga» e «pare» (o amarelo significa «prepare-se para seguir» ou «prepare-se para parar»). Note-se que é a *diferença* que cria o significado e não as cores. Seria indiferente se usássemos o verde para significar «pare» e o vermelho para «siga» – desde que mantivéssemos sistematicamente essa diferença. Saussure chama *semiologia* ao estudo dos significados não linguísticos, mas o termo usado mais frequentemente hoje é **semiótica**.

Podem efectuar-se estudos semióticos sobre diversos aspectos da cultura humana. Um exemplo é o vestuário e a moda. O que faz um certo tipo de vestuário estar em voga, numa dada altura? Não são, com certeza, as roupas que se vestem, pois num ano as mini-saias podem estar na moda e no outro não. O que faz que qualquer coisa esteja em voga é, uma vez mais, a *diferença* entre o que é vestido pelos que «ditam a moda» e os outros. Outro

exemplo do mundo do vestuário é o costume de vestir roupas de luto. Na nossa cultura, mostramos que estamos de luto usando roupas pretas. Existem, contudo, outras culturas, onde as pessoas de luto vestem roupa branca. O que importa não é a cor em si, mas o facto de as pessoas que estão de luto se vestirem de forma diferente do seu estilo habitual.

A abordagem estruturalista foi usada mais amplamente na Antropologia do que em Sociologia, especialmente nos Estados Unidos. Na esteira de Lévi-Strauss – que foi quem tornou popular o termo *estruturalismo* – a análise estruturalista foi usada no estudo do parentesco, dos mitos, das religiões e noutras áreas. Não obstante, muitos teóricos da Sociologia foram influenciados por noções provindas do estruturalismo. Embora não gostasse de ser designado como estruturalista, Michel Foucault, a cujas obras nos referimos em vários capítulos, empregou várias noções chave oriundas do pensamento estruturalista. Os conceitos estruturalistas têm sido aplicados ao estudo dos meios de comunicação social (jornais, revistas, televisão), da ideologia e da cultura em geral.

O pensamento estruturalista tem fraquezas, que limitam o seu interesse como enquadramento teórico geral em Sociologia. O estruturalismo teve a sua origem no estudo da linguagem e tem-se revelado mais útil na análise de certos aspectos do comportamento humano do que em outros. É útil para explorar a comunicação e a cultura, mas tem menos aplicação em aspectos mais práticos da vida social, como as actividades económicas ou a política.

Interaccionismo simbólico

O **interaccionismo simbólico** dá mais realce à acção individual activa e criativa do que qualquer outra abordagem teórica. Depois de Mead, foi desenvolvido por outros escritores e, nos Estados Unidos, é o principal rival do funcionalismo. Tal como no caso do estruturalismo, o interaccionismo simbólico surge do interesse pela linguagem, embora Mead o desenvolva numa direcção diferente.

Símbolos

Mead afirma que a linguagem permite que nos tornemos em seres auto-conscientes – cientes da nossa própria individualidade – e um elemento chave neste processo é o **símbolo**. Um símbolo é algo que *representa* outra coisa. Seguindo o exemplo dado por Saussure, a palavra «árvore» é um símbolo, pois através dela representamos o objecto, a árvore. Assim que dominamos tal conceito, diz Mead, podemos pensar numa árvore, mesmo que não estejamos a ver nenhuma. Aprendemos a pensar no objecto de um modo simbólico. O pensamento simbólico liberta-nos de estarmos limitados na nossa experiência ao que realmente vemos, ouvimos ou sentimos.

Ao contrário dos animais inferiores, os seres humanos vivem num universo simbólico muito rico. Isto aplica-se à ideia que temos de nós mesmos (os animais não têm essa consciência de si mesmos que os seres humanos possuem). Cada um de nós é um ser consciente de si mesmo, pois aprendemos a «olhar» para nós próprios como se estivéssemos de fora, a vermo-nos como os outros nos vêem. Quando uma criança começa a usar «eu» para referir-se a esse objecto (ela própria) a que os outros chamam «tu», está a exhibir os princípios de uma consciência própria.

Segundo os interaccionistas, virtualmente toda a interacção humana envolve uma troca de símbolos. Quando interagimos com outros procuramos constantemente «pistas» sobre o tipo de comportamento apropriado ao contexto e sobre como interpretar o que os outros pretendem. O interaccionismo simbólico dirige a nossa atenção para os pormenores da interacção interpessoal, e para a forma como esses pormenores são usados para entender aquilo que os outros dizem ou fazem. Suponhamos, por exemplo, que um homem e uma mulher saem juntos pela primeira vez. Provavelmente, cada um deles irá passar grande parte da noite «medindo» o outro e avaliando a forma como a relação possivelmente se irá desenvolver – se se chegar a desenvolver. Nenhum deseja ser visto a fazê-lo abertamente, embora ambos saibam o que se está a passar. Os dois indivíduos mostrar-se-ão cautelosos no seu comportamento, desejosos de se apresentarem favoravelmente, mas, mesmo sabendo isso, cada um deles procurará aspectos do comportamento do outro que revelem as suas intenções reais. Um processo complicado e subtil de interpretação simbólica modela a interacção entre os dois.

Os sociólogos influenciados pelo interaccionismo simbólico concentram-se normalmente na interacção face-a-face nos contextos da vida quotidiana. Erving Goffman, cujo trabalho é discutido no Capítulo 4 («Interacção Social e Vida Quotidiana»), deu contributos especialmente elucidativos para este tipo de estudo, introduzindo humor e vivacidade no que era, na versão de Mead, uma avaliação teórica mais seca e abstracta. Nas mãos de Goffman e de outros, o interaccionismo simbólico revela muito da natureza das nossas acções, no decurso da vida social quotidiana. No entanto, o interaccionismo simbólico tem sido criticado por se concentrar excessivamente numa escala muito pequena. Os interaccionistas simbólicos sempre tiveram dificuldades em lidar com estruturas e processos mais amplos – os mesmos fenómenos que as outras duas tradições realçam mais fortemente.

Marxismo

O funcionalismo, o estruturalismo e o interaccionismo simbólico não são as únicas tradições teóricas de relevo da Sociologia, nem esta divisão tripartida é a única forma de classificar as abordagens teóricas. Um tipo influente de abordagem, que está para além desta divisão, é o **Marxismo**. Os marxistas, claro está, inspiram-se nos escritos de Marx, embora

sejam possíveis inúmeras interpretações das suas ideias principais e, actualmente, há escolas de pensamento marxista com posições teóricas muito diferentes.

Em termos muito genéricos, o Marxismo pode ser dividido em linhas que correspondem às fronteiras entre as três tradições teóricas anteriormente descritas. Muitos marxistas adoptaram implícita ou abertamente uma abordagem funcionalista do materialismo histórico. A sua versão do Marxismo é bastante diferente da dos marxistas influenciados pelo estruturalismo, sendo o francês Louis Althusser o autor mais conhecido que escreveu nesta perspectiva (Althusser, 1969). Estes dois tipos de pensamento marxista diferem daqueles que realçaram o carácter activo e criativo do comportamento humano. Poucos destes autores foram directamente influenciados pelo interaccionismo simbólico, mas adoptaram uma perspectiva muito próxima. Um exemplo é o de Jürgen Habermas, cujo trabalho foi discutido no Capítulo 1 e noutros locais (ver também Habermas, 1987). Em todas as suas versões, o marxismo difere das tradições não marxistas da Sociologia. A maioria dos autores marxistas vê o marxismo como parte de um «pacote» de análise sociológica e reforma política. Acreditam que o marxismo gera um programa de mudança política radical. Além do mais, os marxistas dão mais ênfase às divisões de classe, aos conflitos, ao poder e à ideologia, do que os sociólogos não marxistas, em especial os influenciados pelo funcionalismo. É preferível ver-se o marxismo não como um tipo de abordagem no âmbito da sociologia, mas como um conjunto de escritos que existe paralelamente à sociologia, cada um sobrepondo-se ao outro, e sendo muito frequentemente influenciado por ele. A Sociologia não marxista e o marxismo sempre existiram numa relação de influência mútua e de oposição.

DILEMAS TEÓRICOS

Como deveremos avaliar o valor relativo destas quatro abordagens teóricas? Embora cada uma delas tenha os seus defensores empenhados, existem aspectos em que a complementaridade é óbvia. O funcionalismo, e a maioria das versões do Marxismo, concentram-se nas propriedades em maior escala dos grupos sociais ou sociedades. Preocupam-se principalmente com «grandes questões», como as seguintes: «Como é que as sociedades se mantêm juntas?», ou «Quais as principais condições que provocam a mudança social?». Ao invés, o interaccionismo simbólico centra-se mais nos contextos face-a-face da vida social. O estruturalismo difere das outras abordagens, pois dedica-se principalmente aos aspectos culturais da actividade social.

Por conseguinte, podemos, de certa forma, basear-nos selectivamente em todas as teorias ao discutir problemas sociológicos específicos, embora, em certos aspectos, elas entrem em confronto aberto. Há vários dilemas teóricos básicos – temas de controvérsia contínua e de disputa – que estes choques de opinião põem a descoberto. Alguns deles refe-